

## O HUMOR NO GÊNERO “COLUNA DE VARIEDADES”, DE JOSÉ SIMÃO

Ana Cristina Carmelino – UNIFRAN<sup>1</sup>  
 Maria Flávia Figueiredo – UNIFRAN<sup>2</sup>

Sabendo-se que o humor pode ser visto como uma espécie de arma de denúncia, capaz de revelar e flagrar outras possibilidades de visão do mundo e das realidades naturais ou culturais que nos cercam, funcionando, portanto, como um importante recurso argumentativo, o presente trabalho é norteado por dois objetivos principais: verificar os aspectos lingüísticos que contribuem para garantir o humor nas “colunas de variedades” escritas por José Simão para a *Folha de S. P.*, bem como caracterizar esse gênero. Para isso, escolhemos, aleatoriamente, cinco das colunas de variedades escritas por Zé Simão levando em conta acontecimentos específicos, a saber: o envolvimento do jogador Ronaldo com travestis (SIMÃO, *FSP*, 07/05/2008)<sup>3</sup>, o fato de um repórter iraquiano atirar os sapatos em George W. Bush (SIMÃO, *FSP*, 21/12/2008)<sup>4</sup>, o debate entre os candidatos Marta Suplicy (PT) e Gilberto Kassab (DEM) à prefeitura de São Paulo (SIMÃO, *FSP*, 21/10/2008)<sup>5</sup>, o novo acordo ortográfico da língua portuguesa (SIMÃO, *FSP*, 07/01/2009)<sup>6</sup>, e a posse do presidente dos Estados Unidos, Barack Obama (SIMÃO, *FSP*, 22/01/2009)<sup>7</sup>.

José Simão, colunista do jornal a *Folha de S. P.* desde 1987, é um construtor do discurso humorístico crítico. Seus textos versam sobre acontecimentos atuais, sejam eles nacionais ou internacionais, e seu ponto de vista controverso, aliado a uma linguagem irônico-sarcástica, faz dele um escritor singular. Essas são as razões que justificam nossa opção pelo estudo de suas colunas.

A fim de caracterizar o gênero de texto em análise – “coluna de variedades” – baseamo-nos nos pressupostos teóricos do interacionismo sociodiscursivo – especialmente em conceitos e critérios propostos por Bronckart (1999, 2006), o qual prioriza tanto questões relacionadas às condições de produção do gênero, quanto à estrutura textual.

Compreendendo que os gêneros estão ligados ao funcionamento da língua e às atividades culturais e sociais, consideramos de fundamental importância, para sua descrição, a definição da situação de ação de linguagem, ou seja, o contexto de produção, o conteúdo temático e a organização interna dos textos, privilegiando-se, dessa maneira, a constituição dos tipos discursivos, a organização seqüencial do conteúdo temático e a seleção de mecanismos de textualização e mecanismos enunciativos.

Ainda com base nas considerações do interacionismo sociodiscursivo, para garantir a produção de sentido dos textos, neste caso, o humor das “colunas de variedades”, convém enfatizar que o autor não consegue esse efeito sozinho, ele depende do leitor e do contexto: o leitor é um agente que – a partir dos propósitos do autor e de uma série de conhecimentos ativados – processa as informações oferecidas pelo texto, estabelecendo conexões informativas contextuais.

No que tange à questão do humor, sabemos que os textos humorísticos podem tanto tender à busca de uma originalidade instigante, como podem seguir uma direção oposta, repetindo esquemas estereotipados. Além disso, o riso pode se manifestar de forma inofensiva ou não. No caso de nosso

<sup>1</sup> Doutora em Lingüística e Língua Portuguesa pela UNESP/Araraquara; docente do Mestrado em Lingüística da Universidade de Franca – UNIFRAN; e docente do curso de Letras da Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP. E-mail: acarmelino@uol.com.br.

<sup>2</sup> Doutora em Lingüística e Língua Portuguesa pela UNESP/Araraquara; Psicanalista; docente do Mestrado em Lingüística da Universidade de Franca – UNIFRAN. E-mail: mariaflaviafigueiredo@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Texto retirado da *Folha on line*. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0705200803.htm>. Acesso em 25/01/2008.

<sup>4</sup> Texto retirado da *Folha on line*. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2112200802.htm>. Acesso em 25/01/2008.

<sup>5</sup> Texto retirado da *Folha on line*. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2110200803.htm>. Acesso em 25/01/2008.

<sup>6</sup> Texto retirado da *Folha on line*. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0701200903.htm>. Acesso em 25/01/2008.

<sup>7</sup> Texto retirado da *Folha on line*. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2201200903.htm>. Acesso em 25/01/2008.

objeto de análise, observamos que o humor se constrói por meio da ironia, do sarcasmo, de críticas escrachadas a acontecimentos atuais em relação, especialmente, à política e à *mídia*. José Simão, ou Macaco Simão, constrói um *ethos* próprio, como ele mesmo diz “o esculhambador geral”, e por meio de uma linguagem característica – repleta de metáforizações, comparações e neologismos – busca não apenas despertar o interesse do leitor e provocar o riso, mas influenciá-lo para validar um posicionamento crítico-opinativo assumido.

## 1 “Coluna de variedades”: caracterização do gênero

São várias as propostas e interesses para os estudos sobre gênero atualmente, embora esse assunto não seja novo, visto que teve origem na tradição poética, com Platão. No Brasil, como sabemos, tais estudos se intensificaram após a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1998), os quais propõem o ensino dos gêneros nas escolas como sendo uma opção muito mais viável e produtiva para a produção textual e, conseqüentemente, para a própria interação verbal. A partir daí, as pesquisas sobre essas “práticas sociais corporificadas pela linguagem” (CARMELINO, 2008, p. 1) em diferentes campos do saber geraram uma série de abordagens, tipologias e metodologias de análise. A posição dos teóricos a esse respeito diverge: enquanto uns criticam a variedade, outros a encaram como salutar, uma vez que há uma busca incessante pela melhor maneira de explicar o uso da linguagem em termos de contextos e práticas sociais específicos. A única certeza disso tudo é que o assunto ainda está em moda.

Com o intuito de caracterizar o gênero de texto aqui analisado (“coluna de variedades”), a par das várias perspectivas teóricas sobre gêneros, adotamos os pressupostos teóricos do interacionismo sociodiscursivo, mais precisamente os conceitos e os critérios propostos por Bronckart (1999, 2006).

Antes, no entanto, de analisarmos esse gênero, convém esclarecer ao leitor o porquê da preferência pelo nome “coluna de variedades” e não por crônica, como muitos possivelmente o intitulariam. Conforme entendemos, coluna de variedades, e em especial as de José Simão, consiste em um gênero que reúne em um mesmo texto breves relatos críticos e bem-humorados de assuntos muito distintos, advindos de diferentes acontecimentos marcantes (atuais ou não). É uma espécie de montagem (*clipping*) de partes de outros gêneros existentes, como a notícia, o artigo de opinião, a reportagem, o telejornal (como o próprio Zé Simão diz) – todos pertencentes ao domínio discursivo<sup>8</sup> jornalístico.

Sabendo-se que os gêneros nunca surgem num grau zero, visto que se constituem a partir de outros pré-existentes, a “coluna de variedades”, escrita por Zé Simão, ganha uma configuração típica de apresentação em períodos breves que raramente se interligam por conectivos, exceto o “E”, como se vê em:

E o Obama tem perfil de moeda. E a Michelle, a Black Jackie, estava de "shining canary", canarinho cintilante! Canarinho de Cuba, a estilista é cubana! E o comentário: "Michelle mostra audácia e personalidade no figurino". Audácia mostra a dona Marisa, que se veste com forro de sofá. Isso que é audácia! Rarárá! E o Serra, o Vampiro Anêmico, que nomeou o Alckmin Picolé de Chuchu pro Desenvolvimento. (SIMÃO, *FSP*, 22/01/2009). (grifos nossos)

Considerando que os gêneros estão ligados ao funcionamento da língua e às atividades culturais e sociais, Bronckart (1999) os descreve a partir do contexto em que eles são produzidos, do conteúdo temático e de sua arquitetura textual.

O contexto de produção ou a situação de ação da linguagem, que se refere ao “conjunto dos parâmetros que podem exercer influência sobre a forma como um gênero é organizado” (BRONCKART, 1999, p. 93), abrange tanto o mundo físico (que compreende a identificação do emissor, de eventuais receptores e do espaço/tempo de produção) quanto o mundo sócio-subjetivo [que inclui o papel social do emissor (enunciador) e do receptor (destinatário), o lugar social e o(s) objetivo(s) da interação].

<sup>8</sup> O domínio discursivo, segundo Marcuschi (2003: 23), é “uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana”.

Em se tratando dos aspectos do contexto físico, observamos que as colunas de variedades de Simão, escritas sob o pseudônimo de Macaco Simão<sup>9</sup>, são produzidas fora da redação do jornal e depois enviadas para serem publicadas diariamente no jornal a *Folha de S. P.*, o que cria um distanciamento espaço-temporal entre emissor e receptor. Os receptores são todas as pessoas que lêem o jornal e as colunas em questão. Dessa forma, nesse gênero, não há como precisar o local e o momento exatos de sua produção, nem mesmo afirmar se esses aspectos influenciam ou não o texto final publicado no jornal.

Quanto aos aspectos do mundo sócio-subjetivo das colunas de variedades, notamos que esse gênero tem como lugar social de produção a *mídia*, uma vez que circula na sociedade por meio do suporte *Folha de S. P.*, jornal mais editado e distribuído no Brasil, que se dirige a um público-alvo tido como elitista.

Subscrito nesse contexto, há a posição social do emissor, ou seja, de enunciador, que é o colunista José Simão. Esse colunista, conforme, seu sítio oficial<sup>10</sup>, não concluiu, inicialmente, sua formação em Direito; viveu alguns anos na Inglaterra durante os quais trabalhou para a rede BBC; voltou ao Brasil no auge do tropicalismo, no qual se envolveu artística e politicamente; passou a compor o quadro de escritores do jornal *Folha de S. P.* em 1987, onde ainda se mantém. Apesar da conhecida posição de direita defendida nesse jornal, Simão é, acima de tudo, um crítico. Sendo um colunista humorístico, o autor não deixa passar a oportunidade de fazer piada, não poupando nada nem ninguém. Seu ponto de vista controverso e sua linguagem irônico-sarcástica fazem dele um enunciador com características bastante específicas.

No que se refere à posição social do receptor ou destinatário, vemos que ele corresponde ao leitor não só da *Folha de SP*, mas das colunas diárias escritas pelo Macaco Simão. Trata-se de um indivíduo de classe média ou média-alta com interesses diversos, bem informado sobre os acontecimentos atuais e com senso de ironia e sarcasmo.

Convém ressaltar que o enunciador, por si só, não conseguiria o efeito de sentido pretendido em seus textos se não contasse com um leitor agente, por isso o destinatário do gênero colunas de variedades é sobretudo um leitor que constrói o sentido do texto a partir dos propósitos de Zé Simão, de uma série de conhecimentos armazenados que ele ativa e de conexões informativas co-textuais e contextuais.

O propósito comunicativo das colunas de variedades é comentar, de forma crítica e engraçada, acontecimentos atuais, buscando provocar o riso do leitor bem como influenciá-lo no sentido de validar um posicionamento subjetivo sobre um determinado assunto. Desse modo, os temas abordados nesse gênero são de caráter subjetivo e social, pois, ao mesmo tempo que versam sobre questões como política e *mídia* em geral, trazem as representações pessoais do enunciador José Simão, compromissado principalmente com a construção de “piadas” um tanto “apimentadas”, conforme podemos observar em “E chega de debate! Debatédio! Eu não quero propostas! Eu quero o Maluf! Pra gente dar risada! E eu sou como a Marta. Quero saber mais uma coisa da vida pessoal do Kassab: se a mão que ele balança o pingolim é a mesma que ele cumprimenta o eleitor. Rarárá!” (SIMÃO, *FSP*, 21/10/2008).

O próprio Simão diz que escreve sobre os “três temas que mais deliciam os brasileiros: sexo, política e futebol”<sup>11</sup>. Da leitura de seus textos, verificamos que os temas variam muito. Uma mesma coluna, por exemplo, trata de quatro ou cinco assuntos distintos, fato que nos leva a distinguir esse gênero da crônica, a qual muitas vezes reflete apenas sobre um acontecimento. Na coluna publicada no dia 21/12/2008, por exemplo, que traz como título e subtítulo **Natal 2008: Perus em pânico. Sabe o que Roberto Carlos vai cantar no Natal? Jesus Cristo eu AINDA estou aqui!**, Zé Simão começa fazendo referência à época do ano em que escreve, vésperas do Natal (21/12), e ao que marca, para o brasileiro, essa festa tradicional: ceia com peru e show do cantor Roberto Carlos, promovido há anos pela Rede Globo de televisão. Em seguida, ele muda de assunto e comenta o contrato do jogador Ronaldo Esper pelo São Paulo e a foto do jogador pelado em uma boite. Na sequência, trata da crise pela qual o país passa, fazendo brincadeiras não só com o hábito de se consumir mais na época do

<sup>9</sup> Como ele próprio diz: “filho de árabe com loira e deu macaco na cabeça” (<http://www2.uol.com.br/josesimao/biografia.htm>. Acesso em 25/01/2009).

<sup>10</sup> Texto retirado da *Folha on line*. Disponível em <http://www2.uol.com.br/josesimao/biografia.htm>. Acesso em 25/01/2009.

<sup>11</sup> Texto retirado da *Folha on line*. Disponível em <http://www2.uol.com.br/josesimao/biografia.htm>. Acesso em 25/01/2009.

Natal, mas também com a “25 de Março”, lugar em São Paulo onde as pessoas costumam encontrar todo tipo de artigo a preços mais em conta. Depois, menciona a questão da sapatada que o presidente George W Bush levou do repórter iraquiano Muntazer al Zaidi em uma coletiva de imprensa em Bagdá, no dia 14/12/2008. E para finalizar, faz duas piadas: uma sobre o jogador Ronaldo (o fenômeno) ter sido visto pedalando na orla do Rio (já que ele está acima do peso) e outra sobre nome do juiz (Jeová Sardinha) que condenou Edir Macedo a pagar indenização.

Em se tratando da arquitetura textual dos gêneros, Bronckart (1999) a subdivide em três camadas superpostas que, juntas, dão forma ao texto, são elas: a infra-estrutura geral do texto, os mecanismos de textualização e os mecanismos de enunciação.

A infra-estrutura geral do texto, camada mais profunda, analisa a maneira como ele é constituído. Nela, segundo Bronckart (1999, p. 120), há o plano geral, que corresponde “à organização de conjunto do conteúdo (...) que pode ser codificado em um resumo”. Em relação às colunas de variedades de Simão, vemos que apresentam título, subtítulo e corpo de texto. Este, por sua vez, é constituído sempre pela mesma introdução (“BUEMBA! BUEMBA! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Direto do País da Piada Pronta!”) e conclusão (“Hoje, só amanhã. Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno!”) e por períodos breves, frequentemente separados por pontos de exclamação e interrogação. A conjunção “e” e os dois-pontos também são marcas recorrentes. Essas características contribuem também para gerar o tom de deboche presente nas críticas do autor.

Além do plano geral, a infra-estrutura contempla as noções de tipos de discurso e tipos de sequência. Os tipos de discurso são as “formas lingüísticas que são identificáveis nos textos e que traduzem a criação de mundos discursivos específicos” (1999, p. 149). Esses mundos – denominados de interativo, teórico, relato interativo e narração – têm sua origem na combinação de dois conceitos: i) conjunção-disjunção, que indicam se o conteúdo temático é produzido concomitantemente ou não ao momento de recepção; e ii) implicação-autonomia, que se referem à explicitação ou não do autor, leitor e situação espaço-temporal no gênero. Dentre esses tipos de discurso, notamos que o mais comum, nas colunas de variedades, é o relato interativo, que apresenta caráter disjunto-implicado, ou seja, a produção e recepção dos textos não se dão de forma concomitante, mas a presença do autor, do leitor e da situação temporal são bem demarcadas. Vejamos um exemplo:

E a sapatada do Bush? Desviou do sapato, mas não escapou do chulé. O que quase matou o Bush foi o chulé do iraquiano. Chulé iraquiano quase mata o Belzebush. Sabe o que **eu** jogaria no Bush? Inseticida. Inseticida de barata! E diz que o Bush vai mandar bombardear todas as sapatarias do Iraque. E tem um país que ele não vai de jeito nenhum: a Espanha. **Pra** não encontrar com o Zapatero.

E em quem **você** quer jogar um sapato **hoje**? No açougueiro que **tá** roubando no peso? Na caixa do banco? Ela não aceitou o documento de um amigo meu, e ele não conseguiu retirar o FGTS. Sapatada nela! **Rarará!** (SIMÃO, *FSP*, 21/12/2008). (grifos nossos)

Como podemos observar, há um monólogo que visa claramente à interação, ainda que encenada, entre o autor e o leitor. Tais dados podem ser comprovados a partir dos pronomes que remetem à primeira e à segunda pessoa (“eu”, “você”) e à situação temporal (“hoje”). Há também uma forte influência da oralidade, constatada pela presença de marcadores conversacionais (“pra”, “ta”, “Rarará”) e perguntas retóricas (“E a sapatada do Bush?”, “E em quem você quer jogar um sapato hoje? No açougueiro que tá roubando no peso? Na caixa do banco?”).

A noção de tipo de sequência refere-se às diferentes formas como o conteúdo temático pode ser organizado, daí os tipos: sequência narrativa, descritiva, expositiva, argumentativa, injuntiva e dialogal<sup>12</sup>. Dentre esses tipos, as que se fazem mais presentes no gênero analisado são a dialogal, a descritiva e a argumentativa. Consideremos o exemplo:

E socuero! Me bate um abacate com Lexotan! Chegou a conta dos fogos! Começou o ano fiscal! Pensa que os fogos foram de graça? Já vem tudo embutido no imposto. Sabe aquela translumbrante estrelona roxa que você achou linda? Era o seu IPVA! Era o seu IPVA

<sup>12</sup> As definições de todas as seqüências se encontram em Bronckart (1999, p. 218-233) e Carmelino (2006, p. 19-20).

explodindo! IPVA, IPTU, IPI, IH... ME FERREI! É o famoso IMF: Ih Me Ferrei! E sabe por que tributo se chama tributo? Porque os carnês vêm de três em três. De manhã chegam três, de tarde chegam mais três e, à noite, 33! O Lula tem que lançar um novo PAC: Programa de Ajuda ao Contribuinte! (SIMÃO, *FSP*, 07/01/2008)

A dialogal é marcante uma vez que o autor empenha-se o tempo todo em manter a figura do leitor presente por meio marcadores conversacionais, tais como perguntas, exclamações, presença de pronomes que remetem à primeira e à segunda pessoa do singular, como vemos em “Sabe aquela translumbrante estrelona roxa que **você** achou linda? Era o **seu** IPVA! Era o **seu** IPVA explodindo! IPVA, IPTU, IPI, IH... ME FERREI! É o famoso IMF: Ih **Me** Ferrei!”. A descritiva pode ser vista ao longo de todas as colunas, quer pela enumeração dos impostos (como ocorre em “IPVA, IPTU, IPI”), quer por meio das assimilações feitas por metaforizações (como vemos em “Era o seu **IPVA explodindo!**”, “É o famoso **IMF: Ih Me Ferrei!**”). No entanto, a seqüência que prevalece nas colunas de variedades de Zé Simão é a argumentativa, uma vez que a todo momento, o autor busca convencer o leitor para validar seu posicionamento crítico-opinativo, como notamos em “Começou o ano fiscal! Pensa que os fogos foram de graça? Já vem tudo embutido no imposto”, “O Lula tem que lançar um novo PAC: Programa de Ajuda ao Contribuinte!”.

Os elementos vistos até aqui fazem parte da primeira camada da organização textual, agora apresentamos os elementos constituintes da segunda, os mecanismos de textualização. Esse nível intermediário é composto por tudo o que garante a coerência temática do texto, como é o caso da conexão, da coesão nominal e da coesão verbal.

Com exceção da conjunção aditiva “e”, que inicia alguns períodos, as colunas de Simão são marcadas pela ausência de conectivos. A relação sintático-semântica, aparentemente desconexa, é garantida pelos períodos curtos que se articulam por pontos de exclamação e interrogação, como já vimos em exemplos citados anteriormente.

A coesão nominal – cuja função é “introduzir e retomar temas e/ou personagens novos e assegurar sua retomada ou substituição no desenvolvimento do texto” (BRONCKART, 1999, p. 124) – apresenta-se de duas formas marcantes nas colunas de variedades de Simão. Em alguns trechos notamos a retomada de referentes no texto a partir da repetição do mesmo termo, como em “Viva **Obama!** Agora pedidos e preces são feitos diretamente pro **Obama!** Deus mandou **Obama** pra folgar no Carnaval! E outros estão chamando o **Obama** de santo Expedito!” (SIMÃO, *FSP*, 22/01/2009)<sup>13</sup>. Já em outros trechos, vemos a ausência da coesão nominal, visto que as colunas apresentam uma seqüência quase alucinada de tópicos diferentes, introduzidos mas nem sempre desenvolvidos e retomados, como em “Então em São Paulo é assim: ‘Prefiro ser solteiro que casado com argentino’. E no Rio é: ‘Vou apertar, mas não vou acender agora’. E dizem que o único efeito colateral da maconha é quando a polícia chega. Ainda bem que o Garotinho não fuma maconha. Porque dá larica e ele ia comer a Rosinha!” (SIMÃO, *FSP*, 21/10/2008). Nesse caso, Simão trata dos debates antes das eleições para prefeito em São Paulo (cita o comentário que Gilberto Kassab faz sobre a vida pessoal de Marta Suplicy, após ser questionado por ela sobre a sua vida sexual, pelo fato de ele ser solteiro) e no Rio de Janeiro (cita a charge feita por Xalberto com Fernando Gabeira apertando a mão de Eduardo Paes antes do debate, dois candidatos e maconheiros confessos. Além disso, ele faz um trocadilho semântico com a música de Bezerra da Silva: *Malandragem dá um tempo. Vou apertar, mas não vou acender agora, se segura malandro, pra fazer a cabeça tem hora*) e, em seguida, menciona o Garotinho (que não fuma maconha, por isso não tem larica e não transa com a Rosinha, ou seja, Garotinho só come a Rosinha sob efeito da larica).

Quanto à coesão verbal – que assegura “a organização temporal e/ou hierárquica dos processos (estados, acontecimentos ou ações) verbalizados no texto” (BRONCKART, 1999, p. 127) e pode ser observada a partir dos tempos verbais em interação com advérbios –, observamos que o tempo presente, que se refere à situação de enunciação, junto com os advérbios temporais consistem nos principais mecanismos de construção do gênero estudado. Como ilustração, remetemos o leitor aos exemplos citados no parágrafo anterior, em que é marcante a presença dos verbos no presente do indicativo (“viva”, “são”, “estão”, “é”, “prefiro”, “dizem”, “chega”, “fuma”, “dá”) e do advérbio

<sup>13</sup> Grifos nossos.

“agora” (“**Agora** pedidos e preces são feitos diretamente pro Obama!”, “Vou apertar, mas não vou acender **agora**”).

O último nível de análise, o mais superficial de constituição e organização textual, é o dos mecanismos enunciativos, elementos que “contribuem para a manutenção da coerência pragmática do texto, para o esclarecimento dos posicionamentos enunciativos (...) e traduzem as diversas avaliações sobre alguns aspectos do conteúdo temático” (BRONCKART, 1999, p. 130). Tais mecanismos englobam os posicionamentos enunciativos e as vozes e as modalizações.

Como a construção do humor das colunas de variedades depende da forma como Zé Simão comenta os acontecimentos e se posiciona diante deles, os mecanismos de enunciação são elementos-chave na caracterização desse gênero. A sua voz, sempre crítica e irônica, mistura-se a vozes de outras pessoas que são “chamadas” a participarem de seu texto. Essas vozes se apresentam das mais diferentes formas, como vemos a seguir:

E o melhor comentário da crise. Uma mulher tava comprando adoidado num shopping popular quando chegou a repórter: "E a crise?". "A crise a gente deixa pra março". Sensacional. Essa mulher tem que liderar a política econômica mundial. Atenção Planeta Terra, a crise foi adiada pra março! Rarará! (SIMÃO, *FSP*, 21/10/2008).

E adorei a Patrícia Poeta entrevistando o Ronalducho no "Cansástico". Uma lady, finérrima. E as perguntas, bem cabeludas: "Ronaldo, você manteve relações com os travestis?". Com um tom de voz que parecia que tava perguntando: "Ronaldo, você aceita um dry martini?" (SIMÃO, *FSP*, 07/05/2008).

Os trechos acima revelam que a coerência pragmática é sustentada pelo posicionamento enunciativo de Simão (autor) que copia declarações polêmicas de outras pessoas (mulher que comprava compulsivamente e Patrícia Poeta) para satirizar (ou ridicularizar) a situação e até mesmo a própria pessoa citada.

Em relação às modalizações, observamos que elas também auxiliam a construção do humor crítico presente nas colunas de variedades, uma vez que são responsáveis por veicular, implícita e explicitamente, avaliações e opiniões sobre o conteúdo temático. As modalizações mais frequentes nas colunas estudadas são a deôntica e a apreciativa.

Os valores expressos pela modalização deôntica – que diz respeito ao julgamento do que é enunciado à luz dos valores sociais – mais encontrados nas colunas são de obrigação e volição, como vemos em: “Essa mulher **tem que** liderar a política econômica mundial. Atenção Planeta Terra, a crise foi adiada pra março! Rarará!” (SIMÃO, *FSP*, 21/12/2008), “Então, o Lula **devia aproveitar** e lançar mais um programa social: o Bolsa Travesti! Bolsa Traveca! Bolsa com trava!” (SIMÃO, *FSP*, 07/05/2008), “E atenção! Campanha Nacional da Sapatada! Eu também **quero** jogar um sapato no Bush! Ops, uma Havaianas” (SIMÃO, *FSP*, 21/12/2008), “E chega de debate! Debatédio! Eu não **quero** propostas! Eu **quero** o Maluf! Pra gente dar risada!” (SIMÃO, *FSP*, 21/10/2008), “A gente **quer** mudar de assunto, mas o povo não quer! Diz que a Nike lançou a chuteira Ronaldo: com três travas na sola! Rarará!” (SIMÃO, *FSP*, 07/05/2008)<sup>14</sup>. Nesses casos, os verbos (“ter”, “querer”) e o auxiliar modal (“dever”) constituem os recursos que manifestam a modalização deôntica.

A modalização apreciativa traduz julgamentos mais subjetivos, como vemos em “E **adorei a Patrícia Poeta entrevistando o Ronalducho no ‘Cansástico’**. Uma lady, finérrima. E as perguntas, bem cabeludas: ‘Ronaldo, você manteve relações com os travestis?’ (SIMÃO, *FSP*, 07/05/2008), “Aliás, vocês viram a foto do Ronaldo Esper pelado na boite Trash 80? O nome da boite é em homenagem a ele: trash de 80! É a primeira vez que **eu vi uma jaca mole de óculos escuro!**” (SIMÃO, *FSP*, 21/12/2008) e “E chega de debate! **Prefiro debater** um abacate com Lexotan. **Prefiro** me trancar no banheiro e debater uma” (SIMÃO, *FSP*, 21/10/2008)<sup>15</sup>.

Como vemos, por priorizar a crítica e a opinião, a modalização é, sem dúvida, um dos elementos essenciais do gênero colunas de variedades. É por meio dela que Simão veicula sua opinião

<sup>14</sup> Grifos nossos.

<sup>15</sup> Grifos nossos.

ácida sobre os fatos que relata, fazendo disso um diferencial tanto na constituição de seu *ethos* quanto na do gênero

## 2 A construção do humor nas “colunas de variedades”

A construção humorística de um texto pode estar relacionada a diferentes recursos linguísticos. Segundo Grize (1990, p. 48), o riso pode ser gerado por procedimentos linguísticos como o léxico, as especificações (feitas por meio de apostos e de orações adjetivas podem colocar em destaque aspectos de um objeto), a questão absurda e a ironia. Possenti (1998), ao falar dos mecanismos envolvidos na construção das piadas, ressalta como recursos linguísticos: a fonologia, a morfologia, o léxico, a dêixis, a sintaxe, a pressuposição, a inferência, o conhecimento prévio e a variação linguística.

Após analisar programas humorísticos na TV, Travaglia (1992) cita seis categorias do humor muito interessantes, que servem como metodologia de estudo, uma vez que abrangem a forma de composição do humor, o objetivo do humor, o grau de polidez, o assunto, o código e o que provoca o riso. Os mecanismos linguísticos fazem parte da última categoria e, segundo ele, podem ser a cumplicidade, a ironia, a mistura de lugares sociais ou posições de sujeito, a ambiguidade, o uso de estereótipos, a contradição, a sugestão, a descontinuidade de tópico, a paródia, o jogo de palavras, o quebra-língua, o exagero, o desrespeito a regras conversacionais, as observações metalinguísticas e a violação de normas sociais explícitas.

Dentre todos os recursos linguísticos que podem ser os responsáveis pela produção do humor, verificamos que muitos deles se fazem presentes nas colunas de variedades escritas por José Simão, no entanto, o que prevalece é a ironia (o sarcasmo), que pode ser vista a partir não só de críticas escrachadas a acontecimentos atuais em geral, mas também por meio de uma linguagem característica, repleta de metaforizações, comparações e neologismos.

Conforme Paiva (1961), a ironia consiste tanto em uma “atitude de espírito” quanto em um “processo característico de expressão”. Em um sentido mais amplo, “se nela predomina uma feição de alegria amigável, individualiza-se em humor; se traduz uma amargura ácida, chama-se sarcasmo” (p. 3). Sendo um meio consciente e intencional de tornar risível a realidade, a ironia se serve da palavra para a sua expressão. Desse modo, vemos que ela pode ser expressa por meio de diferentes processos da língua. Aqui destacaremos apenas aqueles recursos mais freqüentes no gênero em análise.

A metáfora baseia-se sempre em uma relação de semelhança entre coisas que pertencem a planos diferentes. Quando a transposição de sentido ressalta a característica comum entre realidades distintas, a intenção é dar a ela uma tonalidade afetiva ou estética. No entanto, quando, na relação de semelhança, a intenção afetiva ou estética é substituída por uma intenção irônica, a metáfora torna-se elemento cômico.

As metáforas de efeito irônico presentes nas colunas de variedades escritas por Zé Simão são construídas principalmente quando a transposição de sentido entre realidades distintas é feita para o plano sexual, como vemos em “E eu resumo o escândalo Ronalveca em futebolês: ele achou que ia enfrentar a República Tcheca, mas, quando entrou em campo, deu de cara com a seleção do Peru! (SIMÃO, *FSP*, 07/05/2008). Nesse caso, o elementos que se referem ao jogo de futebol são transpostos para os do ato sexual, uma vez que “República Tcheca” se refere a “xeca” (no Brasil, sinônimo de “vagina”) e “Peru” se refere a “pênis”. Assim temos uma sátira como extensão: pensou na tcheca, achou o peru, ou seja, confundiu traveca com mulher.

Mais um exemplo em que Macaco Simão abusa do trocadilho semântico de cunho pornográfico pode ser visto no enunciado “É que em Itupeva, no interior de São Paulo, tem uma oficina de consertos chamada Casa das Roçadeiras! Deve ser um inferninho de sapatatas. Mais direto, impossível. Viva o Brasil! (SIMÃO, *FSP*, 07/01/2009), quando o autor aproxima “Casa das Roçadeiras” a “inferninho de sapatatas” a partir do “ato de roçar”. Roçadeira é um instrumento agrícola que serve para roçar o mato. Um dos sentidos, popular, atribuídos a mato (matagal), é o de pêlos da vulva. As sapatatas (lésbicas) roçam as vulvas, friccionam o matagal pubiano. A metáfora está na transposição da casa que vende roçadeiras a agricultores para o lugar onde as roçadeiras das sapatatas fazem a festa.

Em “Mais piada pronta: sabe como se chama o diretor de políticas monetárias do Banco Central? Mario TORÓ! Especialista em tormentos econômicos!” (SIMÃO, *FSP*, 21/10/2008), os

termos “toro” e “tormento” pertencem a planos distintos, no entanto, para a construção da metáfora de economia, Zé Simão baseia-se na relação de semelhança entre eles: tormento (desgraça) – tormenta (causada pela chuva). Toró significa chuva violenta, forte, que causa tormenta. Mário Toró, por sua vez, causará tormentos (dores de cabeça). Daí dizer Mario TORÓ, “especialista em tormentos econômicos”.

Outras metáforas de efeito irônico são aquelas cujo nexos que liga uma realidade à outra é a depreciação. Nesse caso, a depreciação é gerada pelo uso de termos de comparação que por si só são pejorativos. No enunciado “Aliás, vocês viram a foto do Ronaldo Esper pelado na boite Trash 80? O nome da boate é em homenagem a ele: trash de 80! É a primeira vez que eu vi uma jaca mole de óculos escuro! (SIMÃO, *FSP*, 21/12/2008), ao comparar implicitamente “a foto do Ronaldo Esper pelado na boite Trash 80” a “uma jaca mole de óculos escuro”, Zé Simão ridiculariza a cena e deprecia o figurinista a partir do uso pejorativo do termo “jaca mole”. A relação de semelhança está nas características da fruta (grande, pesada, cilíndrica e, nesse caso, “mole”) que, no exemplo, tanto podem ser as mesmas do próprio Esper quanto as de seu pênis (visto que ele estava pelado).

E a ironia e as metáforas não param por aí. Em “E o Serra, o Vampiro Anêmico, que nomeou o Alckmin Picolé de Chuchu pro Desenvolvimento. Mas ele é anestesista! Anestesista e anestesiado. Vai anestesiá o desenvolvimento!” (SIMÃO, *FSP*, 22/01/200), o autor provoca o riso ao atribuir ao Alckmin duas realidades distintas “anestesista” e “desenvolvimento”, ou seja, Alckmin anestesiado na Secretaria do Desenvolvimento. A ironia, construída de forma genial, está em: um anestesiado para fazer São Paulo desenvolver-se.

A comparação, assim como a metáfora, também pode ser veículo da ironia. No enunciado “Outra piada pronta: o Lula diz que o Brasil é um país sério. Sério como na charge do Simon Taylor: ‘Sério que a gasolina subiu?’ SÉRIO! ‘Sério que o feijão e arroz subiram?’ SÉRIO! (SIMÃO, *FSP*, 07/05/2008), Zé Simão se utiliza da comparação “Sério **como** na charge do Simon Taylor” para criticar a fala de Lula (o qual afirma que o Brasil é um país “sério”, ou seja, de responsabilidade, que cumpre seus compromissos) e provar exatamente o contrário, que o país é uma piada. A relação de semelhança está no significante “sério” que apresenta sentidos diferentes.

Outro caso de comparação interessante feita por Zé Simão está em “E diz que o Lula vai financiar a reforma hortográfica (herrar é umano) em 25 anos. ‘Cum mais tempo, fica mais FÁFIL DE AFIMILAR!’ E um leitor me disse que hífen é como hímen: só serve para atrapalhar!” (07/01/2009), na qual ele aproxima duas realidades distintas (“hífen” e “hímen”) a partir de um forte nexos de semelhança: o fato de ambas servirem “para atrapalhar”. Nesse exemplo, o efeito da comparação é ressaltar a descoberta dessa característica comum, a qual é incrementada com a semelhança fonética entre as duas palavras.

O uso de neologismos consiste em outro recurso marcante na construção do humor das colunas de variedades escritas por Simão, principalmente, porque é da feição especial que o autor dá a eles que nasce a ironia. Citemos alguns dos vários encontrados no *corpus* em análise: “Chulé iraquiano quase mata o **Belzebush**” (SIMÃO, *FSP*, 21/12/2008); “E eu resumo o escândalo **Ronalveca** em **futebolês**”, “E adorei a Patrícia Poeta entrevistando o **Ronalducho** no ‘**Cansástico**’”, “Mais um verbete pro óbvio **lulante**” ‘Índio’: companheiro que não tá voltando! Rarárá! O **lulês** é mais fácil que o inglês” (SIMÃO, *FSP*, 07/05/2008); “E chega de debate! **Debatédio!**”; “E olha o anúncio que vi: ‘Funerária Serra’! É pra onde a gente vai depois de pagar os pedágios do **Rouboanel** e o IPVA” (SIMÃO, *FSP*, 22/01/2008)<sup>16</sup>.

A derivação é o tipo de processo de formação de palavra menos comum nos neologismos criados por Simão. Nos exemplos citados, temos “futebolês”, “lulês”, nos quais o sufixo **-es** forma substantivo e indica relação de procedência (“que vem do futebol”, “que vem da língua falada por Lula”). Em “lulante”, Zé Simão retoma uma consagrada expressão de Nelson Rodrigues “óbvio ululante”, que significa óbvio demais (já que lulante é gritante), e faz um trocadilho com Lula. Desse modo, a nova palavra derivada significa aquilo que é óbvio no jeito de Lula. Em contrapartida, os neologismos formados por composição imperam. Extremamente criativos, ainda que apimentados na maioria das vezes, eles buscam ora validar uma crítica ora descrever ironicamente uma pessoa ou situação, como vemos em: “Rouboanel” (a junção de roubo + Rodoanel insinua a extorsão de dinheiro do povo tanto na construção da auto-estrada em torno do centro da região metropolitana de São Paulo,

<sup>16</sup> Grifos nossos.



quanto no usufruto da via, uma vez que ela passou a ser pedagiada no dia 17/12/2208), “Cansático” (a união de cansativo + Fantástico é uma crítica ao programa de televisão exibido pela Rede Globo todos os domingos à noite), “Debatédio” (a junção debate + tédio revela a sensação de enfado produzida pelos debates eleitorais entre os candidatos à prefeitura nas eleições de 2008), “Belzebush” (a união Belzebu + Bush identifica o presidente George W. Bush com o diabo), “Ronalveca” (a união Ronaldo + traveca refere-se ao envolvimento do jogador com três travestis no Rio, no dia 28/04/2008, e insinua que ele seja homossexual), e “Ronalducho” (a junção Ronaldo + gorducho revela exatamente o estado físico do jogador, o qual está acima do peso).

A palavra nova sempre encerra a possibilidade de choque, seja porque redundante expressividade, seja porque gera o cômico. Em se tratando da construção do humor das colunas de variedades e do próprio Zé Simão, vemos que a segunda possibilidade é mais comum, pois há no tema ou na desinência da palavra uma nota de dissonância que visa ampliar a novidade, a crítica e o deboche.

Convém ainda salientar que todos esses mecanismos lingüísticos que expressam a ironia e geram o humor nas colunas de variedades – isto é, a metaforização, a comparação e o neologismo –, não produziram o efeito de sentido que produzem nos interlocutores, se estes não ativassem seus conhecimentos prévios, sejam eles de língua, sejam eles de mundo.

A partir de todas essas considerações, podemos finalizar este artigo ressaltando que o humor produzido por José Simão em suas colunas de variedades tende à originalidade e não à reprodução de estereótipos, como acontece com muitos textos humorísticos. O “esculhambador geral”, tal como ele se denomina, não só choca o leitor por meio de suas criativas críticas ácidas, como também o influencia quanto a seu posicionamento opinativo assumido, chamando-lhe a atenção e provocando-lhe o riso. Desse modo, o humor, nesse gênero, funciona como um importante recurso argumentativo, uma vez que denuncia, flagra e revela a realidade que nos cerca, bem como “move a mente” do leitor, criando certa disposição para rir ou refletir a partir de diferentes mecanismos lingüísticos.

## Referências

- BRASIL. MEC. MEC/SEMTEC. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – Língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRONCKART, J-P. **Atividade de linguagem, textos e discursos por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: Educ, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Campinas: Mercado de Letras, 2006 (Coleção idéias sobre linguagem).
- CARMELINO, A. C. Reflexões acerca do gênero: diálogo entre metodologias de análise. In: NASCIMENTO, E. M. F. S; OLIVEIRA, M. R. M; LOUZADA, M. S. O. (Orgs.). **Processos enunciativos em diferentes linguagens**. Franca: Unifran, 2006, p. 9-30.
- \_\_\_\_\_. A intergenericidade como estratégia de sedução em anúncios impressos no Brasil In: **Anais do XV Congresso Internacional da ALFAL**, Montevideu, 2008. v.1. p.1-14. ISSN: 978-9974-8002-6-7.
- GRIZE, J-B. **Logique et langage**. Paris: Ophrys, 1990.
- MARCUSCHI, L. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Â. P. et al. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- PAIVA, M. H. N. **Contribuição para uma estilística da ironia**. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1961.
- POSSENTI, S. **Os humores da língua**: análises lingüísticas de piadas. Campinas: Mercado de Letras, 1998.
- TRAVAGLIA, L. C. O que é engraçado? Categorias do risível e o humor brasileiro na televisão. **Leitura**: Estudos lingüísticos e literários. Maceió, Universidade Federal de Alagoas, n. 5, 6, p. 42-79, 1992.